AS TECNOLOGIAS DIGITAIS E SUA INFLUÊNCIA NA ASCENSÃO DA DIREITA RADICAL POPULISTA

Arthur Lamounier Mendonça[1]

GT: DINÂMICAS DE RECONHECIMENTO NAS REDES SOCIAIS: INVESTIGANDO AS RELAÇÕES DE PODER NA ERA DIGITAL.

Resumo: O desenvolvimento das técnicas midiáticas tem modificado de forma direta as relações sociais e de poder e gerado, a cibercultura. A produção e difusão de formas simbólicas e transmissão de informação no ambiente digital criaram uma nova maneira de se comunicar, de fazer cultura e política. Dentro do ambiente social, a cibercultura e as tecnologias digitais têm influenciado na formação do cidadão e nas práticas democráticas de forma positiva e negativa. Sabe-se que a internet tem facilitado as interações remotas e o acesso a todo tipo de conhecimento disponível, seu alcance tem dado maior autonomia aos indivíduos. Entretanto, a tecnologia e os algoritmos alteraram a governança do poder soberano do Estado-nação e sua atuação nas pessoas, causando assim uma cisão profunda entre o "povo" e a "elite", dando espaço para o surgimento do fenômeno do populismo. Como bem observaram os cientistas políticos Pipa Norris e Ronald Inglehart, a confiança dos indivíduos tem diminuído em relação à política e ao regime democrático, abrindo uma lacuna para a atuação de movimentos populistas de extrema-direita. As propagandas e as *fake news*, de acordo com Giuliano da Empoli, utilizam das redes digitais de conexão para inflamar discursões políticas e introduzir ideologias radicais na ordem social. É um processo complexo que envolve questões econômicas, culturais e políticas. As redes sociais trouxeram um otimismo, uma sensação de liberdade e criação diante das crises diárias e impotência individual. A metodologia usada no trabalho passa pela revisão bibliográfica e pelo método dedutivo, utilizando da dialética para demonstrar os conflitos da cibercultura e da internet e como eles têm influenciado na disseminação de ideais radicais de extrema-direita que culminam na erosão da democracia. Consequentemente, percebe-se como as tecnologias digitais, mesmo com os avanços na democracia e nos processos participativos, têm alterado de maneira significativa as fronteiras sociais e políticas. Procura-se assim encontrar possibilidades para diminuir o fluxo de informação e a comunicação cibermediada que impulsionam a crise democrática.

[1] Graduando em Ciências Sociais na PUC – Minas. E-mail: arthurtabatule@gmail.com

Palavras-chave: Cibercultura. Extrema-direita. Democracia.

Introdução

A partir da década de 90, a Internet entrou em um processo de disseminação global, sendo utilizada principalmente no âmbito econômico, sendo posteriormente, de forma mais contundente no social e político. Dessa forma, a sociedade tem seus meios técnicos de produção e difusão de informação modificados, a interação e propagação da informação tem um alcance maior e mais rápido nas relações entre as pessoas e as instituições. Para alguns pesquisadores, essa fase altera a cultura predominante, a ação coletiva, o comportamento humano, exigindo uma nova maneira de interpretar e praticar a ética e principalmente uma nova forma de vida, chamada de cibercultura.

A norte-americana Alice Hilton[2] foi a primeira a adotar o termo em 1963 visando o grande avanço tecnológico da humanidade, argumentando que o ser humano poderia aspirar o bem-estar e primazia mediante as tecnologias somente fazendo um uso consciente delas. A definição de Pierre Lévy (1999, p. 17) para cibercultura é "o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem com o crescimento do ciberespaço". As inovações tecnológicas desenvolveram o ciberespaço na rede mundial, impactando profundamente na vida dos indivíduos.

Houve muita esperança no que se refere aos processos, técnicas e tecnologias que surgiram no decorrer dos anos e poderiam aprimorar a sociedade informal e o próprio ser humano, tendo como objetivo a eficiência da produção e da comunicação. Entretanto, ninguém imaginava como as mídias e plataformas digitais iriam transformar as vidas e relações humanas em lucro e principalmente em instrumentos do poder. Aquilo que era da ordem técnica passa a ser da ordem cultural, histórica, social e econômica.

O ciberespaço, de acordo com Lévy (1999, p. 17), é "o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores"; ele se encontrava no plano privado inicialmente e depois invadiu toda o espaço público. A Internet e com ela o navegador World Wide Web[3] possibilitaram a expansão acelerada do ciberespaço e da infraestrutura da conexão entre pessoas, empresas e instituições de forma quase instantânea (LÉVY, 1999, p. 85-92). O ambiente virtual foi usado como ferramenta pelo

---

[2] Fundadora do Instituto de Pesquisas Ciberculturais (1964).

[3] É um serviço de informação que funciona sobre a Internet e assenta numa estrutura baseada em documentos interligados.

capitalismo para descodificar[4], des-territorializar e re-territorializar os códigos do espaço real, permitindo assim a captura e um maior controle da vida humana como geração de lucros (DELEUZE; GUATTARI, 2010).

O próximo passo dentro do ambiente do ciberespaço foi a chegada das mídias sociais - Facebook, Instagram, Twitter, fóruns, etc. – e plataformas de mensagens - WhatsApp, Telegram, Wechat, SMS, etc. -, elas elevaram a comunicação, o acesso a informação, a manipulação mercantil e a articulação política para outro patamar.

> […] a vida humana, e particularmente a vida social humana, está cada vez mais sendo construída de modo a gerar dados dos quais se possa extrair lucro. Ao fazer isso, cada vez mais vida deve ser continuamente monitorada e vigiada, removendo as fronteiras que existiam anteriormente entre a vida interna e as forças externas. Nesse duplo sentido, a vida humana é apropriada por meio dos dados, tornando-se outra coisa, um processo atrelado a processos externos de extração de dados. (COULDRY; MEJIAS, 2019, p. 7, tradução nossa)[5].

A sensação de liberdade e circulação pelas realidades virtuais por intermédio dos dispositivos móveis e computadores pessoais produziram uma falsa ideia de autonomia e domínio de si. A existência do sujeito navega no ciberespaço axiomatizado[6] pela máquina capitalista.

As vantagens iniciais das redes começaram a dar lugar para um território hostil, sem regras, no qual os males do mundo real tomaram uma proporção maior no mundo virtual. A propaganda política e sua manipulação passaram a serem determinadas pelos dados[7] das interações sociais dos sujeitos adquiridos na Internet. Junto com a enxurrada de informação

---

[4] Descodificar quer dizer compreender um código e traduzi-lo. Destruí-lo enquanto código; atribuir-lhe uma função arcaica, folclórica ou residual. Um código determina a qualidade respectiva dos fluxos que passam pelo socius; o objeto próprio do código é estabelecer relações indiretas entre fluxos qualificados (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 325-328)

[5] […] human life, and particularly human social life, is increasingly being constructed so that it generates data from which profit can be extracted. In doing so, ever more of life is required to be continuously monitored and surveilled, removing the boundaries that previously existed between internal life and external forces. In this double sense, human life is appropriated through data, becoming something else, a process tied to external processes of data extraction.

[6] A definição mais direta do termo "axioma" que Deleuze e Guattari (1997) dão é encontrado em Mil Platôs. Axiomas, dizem eles, são regras que "considera diretamente os elementos e as relações puramente funcionais cuja natureza não é especificada, e que se realizam imediatamente e ao mesmo tempo em campos muito diversos " (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 134) Um axioma é, portanto, uma regra indiferente à natureza do que é aplicado e para o contexto de sua aplicação.

[7] Particularmente importante é o uso secundário de dados. Os dados, independentemente de seu uso inicial, podem ser reutilizados geralmente para testar uma variedade de correlações entre eles. Muitas vezes, para esse fim, os conjuntos de dados, que originalmente foram criados para propósitos completamente diferentes, são mesclados. Informações de identificação pessoal e outros dados privados, geram importantes consequências sociais. As informações de identificação social são dados que podem ser usados sozinhos ou em conexão com outras informações para identificar uma única pessoa. Dados privados são dados não disponibilizados ao público em geral.

veio também uma correnteza de desinformação com o intuito de confundir, destruir a veracidade do conhecimento tido como verdade anteriormente.

Big Data* e *Big Tech

Com a expansão descontrolada do ciberespaço, foi necessário renovar as tecnologias de processamento e analise de informações, dando assim maior domínio para as grandes empresas do Vale do Silício gestarem e organizarem a infraestrutura da comunicação digital. Com toda essa digitalização da vida humana, da economia, da política, as grandes empresas invadem o setor público, derrubam a fronteiras e determinam valores e soluções para os problemas da sociedade. O *Big Data*[8] se torna a principal dimensão do conhecimento da cibercultura, no qual os dados são usados para fazer previsões do mundo.

O *Big Data* começou a orientar do poder econômico a pequenas coisas cotidianas, aplicando-se cálculos matemáticos em um enorme número de amostras dos aspectos da subjetividade humana, das ações do mercado financeiro. Viktor Mayer-Schonberger e Kenneth Cukier (2013, p. 16) afirmam que:

> […] big data envolve três grandes mudanças de mentalidade que estão interligadas e, portanto, se reforçam mutuamente. A primeira é a capacidade de analisar grandes quantidades de dados sobre um tópico, em vez de ser forçado a se contentar com conjuntos menores. A segunda é a vontade de abraçar a bagunça real dos dados em vez de privilegiar a exatidão dos mesmos. A terceira é um crescente respeito pelas correlações em vez de uma busca contínua por causalidade evasiva.[9]

Para processar essa quantidade de dados é indispensável um algoritmo poderoso, ou seja, uma grande quantia em dinheiro para possuir tal tecnologia. Deste modo, empresas como Google, Microsoft, Facebook, Apple, Amazon – as *Big Tech* – encontram-se à frente na extração e tratamento de dados (MOROZOV, 2018).

O Estado possui um sistema que coleta informações da população para produzir dados estatísticos e traçar características demográficas, como a distribuição espacial e organização; econômicas, como o nível de qualidade de vida dos indivíduos, trabalho; sociais, como educação, a violência; a saúde, saneamento básico; distribuição espacial. Com a intenção de fazer planejamento dos setores público e privado e identificar as áreas com mais desigualdades. As *Big Tech* com sua rede inteligente e com números cada vez maiores de

---

[8] Termo usado para descrever a análise e a interpretação de grandes volumes de dados de grande variedade.

[9] […] big data is about three major shifts of mindset that are interlinked and hence reinforce one another. The first is the ability to analyze vast amounts of data about a topic rather than be forced to settle for smaller sets. The second is a willingness to embrace data's real-world messiness rather than privilege exactitude. The third is a growing respect for correlations rather than a continuing quest for elusive causality.

amostra das pessoas no ciberespaço, transformam os atores sociais e suas ações em dados quantificáveis, além de conseguirem analisar e rastreá-los – dataficação (MAYER-SCHOENBERGER; CUKIER, 2013). O objetivo delas é alcançar uma predição de comportamento e modelagem de escolha mais próxima da realidade (COULDRY; MEJIAS, 2019, p. 12).

A capacidade do *Big Data* em calcular e processo o máximo possível de dados altera drasticamente o campo da economia e da política, aumentando o risco de manipulação. A maioria da população vive conectada na internet consumindo e produzindo dados em forma, a cultura manifesta-se nesses processos de comunicação.

> Ora, as realidades virtuais servem cada vez mais como mídia de comunicação. De fato, várias pessoas geograficamente dispersas podem alimentar simultaneamente uma base de dados por meio de gestos e, em retorno, receber dela informações sensoriais. Quando umas das pessoas modifica o conteúdo da memória digital compartilhada, os outros percebem imediatamente o novo estado do ambiente comum (...). As realidades virtuais compartilhadas, que podem fazer comunicar milhares ou mesmo milhões de pessoas devem ser consideradas como dispositivos de comunicação "todo-todos", típicos da cibercultura. (LÉVY, 1999, p. 105).

Com essa quantidade ampla de dados modelados, as *Big Tech* podem examinar detalhes, explorar padrões e as interações jamais vistos em qualquer pesquisa amostral. A liberdade de navegação e o incentivo ao progresso digital e suas facilidades só aumentam a consolidação e o monopólio econômico digital das *Big Tech.*

O grande problema é que as *Big Tech* começaram a vender as informações, coletadas para agências governamentais ou para empresas privadas, convertidas em poder político, com ganhos exorbitantes, redução do conhecimento adquirido dos dados à forma-mercadoria e a dataficação. Medir, registrar, quantificar e analisar a vida cotidiana para planejar os passos e movimentos das pessoas (VAN DIJCK, 2014). A crença e a confiança nos resultados de tais analises levaram as autoridades governamentais a uma vigilância orientadas pelo processamento dos dados das pessoas (RALEY, 2013).

Apesar dos vários usos positivos do *Big Data*, ele está relacionado com um ideal de apropriação que ultrapassa as fronteiras geográficas e social - embutido em uma "comunidade ecológica digital" (COULDRY; MEJIAS, 2019). A dataficação cresce cada dia mais mediante ao avanço das tecnologias e a coleta de dados mediante o uso das mídias sociais tomou proporções alarmantes, interferindo na liberdade individual e na privacidade dos usuários (ENISA, 2012; GANDY, 1993). O comportamento humano é analisado e gerenciado

pelas plataformas digitais[10] (GILLESPIE, 2010) para atender todo tipo fim, de acordo com quem paga mais caro pelas informações "sociais" adquiridas. Foi criado um modelo infra estrutural e econômico dentro das plataformas digitais que facilitou a dataficação (HELMOND, 2015).

Essas informações sobre a vida social dos usuários começaram a ser usadas para fins políticos[11], como no escândalo entre o Facebook e a Cambridge Analytica em 2018[12]. A Cambridge Analytica – empresa de marketing digital – conseguiu ter acesso a dados de 87 milhões de usuários do Facebook em todo o mundo. A empresa obteve os dados mediante um aplicativo – teste de personalidade – que estava dentro da plataforma digital. A ideia dela era manipular os usuários, mais suscetíveis a informações falsas, a não votar em determinado candidato ou a votar em outro. Eles perceberam quais pessoas estavam indecisas e bombardeavam-na com vídeos, imagens, textos criados especialmente para elas. Pelo que se sabe, a Cambridge Analytica atuou junto com os *bots*[13] políticos nas eleições presidenciais americanas[14] (KOLLANYI; HOWARD; WOOLLEY, 2016) e no referendo[15] (HOWARD; KOLLANYI, 2016) para o Reino Unido deixar a União Europeia, desempenhando uma forte influências nos resultados.

As *fake news* e os movimentos de direita radical

A desinformação digital tem incomodado as democracias contemporâneas e ela só tem aumentado com a alta tecnologia que permeia a Internet e as plataformas digitais. As notícias falsas tornaram-se um negócio lucrativo, pois, não existia um controle e uma verificação por parte das empresas que fazem parte do ambiente digital. Não existia uma política de respostas e confirmação das informações que circulavam no Google, no Facebook, no Twitter, no

---

[10] O termo plataforma digital foi cunhado por Gillespie (2010) pelo fato de reunir dentro de um mesmo espaço digital os usuários - possíveis clientes -, vendedores que anunciam seus produtos, surgindo assim um espaço de interação que aumentar seu valor de mercado de acordo com número de pessoas que utilizam.

[11] https://www.theguardian.com/technology/2017/may/07/the-great-british-brexit-robbery-hijacked-democracy?CMP=share_btn_tw.

[12] https://www.theguardian.com/politics/2017/feb/26/robert-mercer-breitbart-war-on-media-steve-bannon-donald-trump-nigel-farage.

[13] É uma aplicação de software que simula uma ação humana no ambiente cibernético. Mais informações em: https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/07/o-que-e-bot-conheca-os-robos-que-estao-dominando-a-internet.ghtml. Com isso, podem inflar os números de curtidas e seguidores de um político, figura pública ou até mesmo de uma ideia ou evento, dando a sensação de um apoio que na realidade não existe. Uma vez que são projetados para parecerem humanos, podem atrair usuários para links cheios de boatos e *fake news*, além de conseguirem criar ou se intrometer em discussões virtuais.

[14] http://geography.oii.ox.ac.uk/wp-content/uploads/sites/89/2016/11/Data-Memo-US-Election.pdf.

[15] https://arxiv.org/abs/1606.06356.

YouTube, no WhatsApp. Elas passaram a ser palco de todo tipo de desinformação – política, médica, econômica e social -, no presente trabalho será falado das campanhas de desinformação patrocinadas pelo Estado; de propaganda política; e de líderes políticos que geram e ampliam conteúdo falso e enganoso (BRADSHAW; HOWARD, 2019).

A desinformação é criada normalmente pelo Estado ou por atores não estatais. Ela é organizada desde a criação até a propagação pelos atores interessados e difundidas por pessoas que acreditam nela, pelo algoritmo de acordo com o perfil visado pelos criadores e pelos *bots* que imitam usuários reais para inflamar a discussão em torno das *fake news*. Ela buscar explorar os vieses cognitivos para manipular a opinião pública, utilizando a técnica de *astroturfing*[16] para atingir o efeito *bandwagon*, que:

> [...] é um fenômeno em que a → opinião pública se impõe: em suas preferências políticas, as pessoas tendem a seguir o que percebem ser maiorias na sociedade. Isso implica que o sucesso gera mais sucesso, e as alternativas que parecem ter um amplo apoio popular provavelmente ganharão ainda mais apoio. (SCHMITT-BECK, 2008, p. 308, tradução nossa)[17].

As mensagens de desinformação buscam atingir o maior número de pessoas, de forma que o efeito *bandwagon* se concretize e as *fake news* sejam consideradas verídicas. Além disso, a desinformação pode ser direcionada para atacar e desacreditar os meios de informações sérios e colocarem eles como manipuladores e produtores de mentiras.

Existem vários tipos de construções envolvendo a desinformação, segue-se três tipos para melhor entendimento, sendo textos, vídeos, imagens, áudios ou a mistura deles: aquela que possui memes, com apelo emocional e opiniões pessoais, informações falsas misturadas com informações verdadeiras, conteúdo descontextualizado; aquela que altera e produz informações para confundir e causar um impacto nas emoções das pessoas, utiliza de pequenas falsificações que acabam passando despercebidas; aquela que foca em sites com notícias falsas e manipuladas e se passam por mídias sérias, interferindo diretamente na vida das pessoas. (MAYNARD *et al.*, 2020).

A *fake news* é tratada nesse trabalho como uma desinformação, informação falsa e manipulada que visa causar danos e até gerar lucros (BUNING *et al*., 2018). Apesar das *fake news* estarem presente há muito tempo nas mídias de notícias, no ambiente do ciberespaço

---

[16] *Astroturfing* é um termo derivado de uma marca de grama falsa usada para cobrir superfícies externas para criar a impressão de que é uma cobertura de grama natural. No contexto da desinformação, envolve semear e espalhar informações falsas, visando audiências e jornalistas com a intenção de redirecioná-los ou enganá-los, particularmente na forma de "evidência" de falso apoio popular a uma pessoa, ideia ou política. Tem-se a definição de Technopedia: https://www.techopedia.com/definition/13920/astroturfing.

[17] […] is a phenomenon of → public opinion impinging upon itself: in their political preferences people tend to follow what they perceive to be majorities in society. This implies that success breeds further success, and alternatives that appear to enjoy a broad popular backing are likely to gain even more support.

elas atingiram um patamar de difícil controle. O impacto causado atualmente é potencialmente mais destrutivo. As distorções no contexto político e eleitorais transpõem o debate televiso e nos jornais, agora elas estavam presentes em tempo real nos celulares dos eleitores. Sua propagação e efeitos eram incentivados pela própria estrutura das plataformas digitais criando assim uma polarização de valores na sociedade.

As propagandas aliadas com a desinformação e os *bots* políticos serviram de base para os atores e partidos políticos tentarem persuadir as pessoas, manipulando a sua opinião e com isso moldarem os resultados na política pela Internet e pelas redes sociais (HOWARD; WOOLLEY, 2016). As pessoas são provocadas em suas emoções, atitudes e opiniões para aderirem e acreditarem na mensagem recebida. As técnicas e construções usadas nas mensagens consistem em transmitir credibilidade, conseguindo um engajamento político, jamais visto, por parte dos cidadãos. É importante colocar que a credibilidade não anda junto com veracidade da mensagem, fato que ajuda na disseminação e na fixação das *fake news*.

A confusão que a desinformação causa no ambiente social tornou-se uma estratégia poderosa com o intuito de manter um domínio das percepções subjetivas dos indivíduos a respeito da realidade que eles vivem. Quando a mensagem chega nos alvos principais – pessoas mais suscetíveis -, o medo e paranoia são implantados e após um tempo, os autores da desinformação distribuem mensagens com as soluções das *fake news*. Hanse (2017) nomeou a técnica de desinformação de *weaponisation of information*[18], afirmando seu caráter belicoso e a vocação de guerra,

> [...] para atingir objetivos que vão desde o tático ao estratégico por meio de um processo ativo de aprendizagem por parte da o alvo. Isso traz a operação para o domínio cognitivo, uma vez que o objetivo final da liberação de informações é moldar as preferências do alvo de acordo com os objetivos pré-definidos do remetente. (HANSE, 2017, p. 2, tradução nossa)[19].

Essa técnica dentro do debate político e na esfera pública atinge seus alvos de forma instantânea e com informações que atacam os adversários, minando sua liberdade de expressão e a coesão social.

A alta exposição das pessoas no ecossistema digital vem acompanhada de uma quantidade enorme de informação e de uma variação de assuntos. É difícil identificar os conteúdos de confiança quando não se tem intimidade com as plataformas digitais, o conhecimento de onde se encontra as informações confiáveis e se vive em um ambiente

---

[18] Armamento da informação (tradução nossa).

[19] […] to achieve goals ranging from the tactical to the strategic through an active learning process on part of the target. This brings the operation into the cognitive domain, as the ultimate objective of the release of information is to shape the target's preferences in line with the pre-defined aims of the sender.

polarizados (CRAFT; ASHLEY; MAKSL, 2017). Somado a esse contexto, existe um grande número de pessoas que possuem uma facilidade de confiar em notícias que estimulam os preconceitos adormecidos e que fortalecem seus valores. Tais pessoas não procuram investigar a veracidade dos que eles recebem. De acordo com Humprecht, Esser e Van Aelst (2020, p. 19-20, tradução nossa), as condições que favorecem a disseminação de *fake news*:

> [...] altos níveis de polarização, comunicação populista, uso de notícias de mídia social e baixos níveis de confiança e consumo de mídia compartilhada são características-chave dos ambientes de informação neste cluster. Os países do cluster polarizado são, portanto, os mais propensos a ser vulneráveis à desinformação online[20].

A exposição repetitiva as notícias falsas acabam reduzido a resistência das pessoas à desinformação, assim como a alta exposição aos níveis de comunicação populista e polarização de ideologia e valores.

Um fator, que já foi falado acima, no qual os atores políticos têm se apoiado são os *bots*, eles estão sendo usados nas plataformas digitais em campanhas e causas políticas para se ter maior engajamento. Também estão sendo utilizados para trazer popularidade para os governantes e partido políticos (WOOLLEY, 2016). Os *bots* aproveitam da falta de confiança das pessoas nas mídias tradicionais e da fragilidade da fiscalização das plataformas digitais para trazer uma enxurrada de desinformação, atacar adversários políticos e apoiar os candidatos que os contratam.

As propagandas computacionais geradas pelos *bots* políticos são difundidas por todo ciberespaço e acabam minando o diálogo democrático. Como os *bots* conseguem imitar usuários reais, interagindo e produzindo conteúdo para ser compartilhado, as pessoas têm dificuldade em reconhece-los. Esse software tem sido uma ferramenta política muito eficaz em momentos de crise, eleições e debates públicos; e a tecnologia digital tem aprimorado o comportamento coordenados dos *bots* nas redes sociais. A comunicação computacional automatizada e em grande escala tem permitido a ação do software em tempo real e com maior alcance, alterando os discursos de maneira rápida e inflamando o debate por mais tempo (WAGNER, *et al*., 2012)

A dificuldade em conter os *bots* políticos vem dos lucros que eles trazem para os propagadores e até para as grandes empresas do ramo digital (BOLSOVER; HOWARD, 2017), além do anonimato que concede aos controladores mais liberdade para atuarem. A

---

[20] […] high levels of polarization, populist communication, social media news use, and low levels of trust and shared media consumption are key features of the information environments in this cluster. Countries in the polarized cluster are thus the most likely to be vulnerable to online disinformation.

propagandas computacionais e os *bots* políticos têm sido um fenômeno que só cresce no plano político no mundo todo,

> Encontramos evidências de manipulação de mídia social organizada campanhas em 70 países, contra 48 países em 2018 e 28 países em 2017. Parte deste crescimento vem de novos os participantes que estão fazendo experiências com as ferramentas e técnicas de propaganda computacional durante as eleições ou como uma nova ferramenta de controle de informações. No entanto, jornalistas, acadêmicos e ativistas também estão mais bem equipados com ferramentas digitais e um vocabulário preciso para identificar, relatar e desvendar instâncias de manipulação das mídias sociais formalmente organizadas. (BOLSOVER; HOWARD, 2019, p. 2, tradução nossa)[21].

As democracias modernas têm sido ameaçadas pelo excesso de *fake news* e propaganda computacional; pela ação dos *bots* no ciberespaço que atrapalham a liberdade de expressão e a liberdade de imprensa; pela manipulação das pessoas com transmissões de mensagens específicas e tendenciosas; pelos ataques e difamação à atores sociais e instituições democráticas (MILLER; VACCARI, 2020). Na maioria das vezes, essa ameaça e a operação em torno das *fake news* parte de atores políticos da extrema-direita e direita radical (WODAK, 2015).

A diferença entre a extrema-direita e a direita radical, na visão de Cas Mudde (2007), vem que do fato que a extrema-direita é totalmente contra a democracia, sendo ela determinada como um governo da maioria e pela soberania popular. Essa ala mais extrema não acredita que os líderes devem eleitos por votação. Já a direita radical é mais bem usado para ideologias de direita que aceitam a democracia, ou seja, a soberania popular e o governo da maioria, mas se opõem aos valores fundamentais da democracia liberal, notadamente os direitos das minorias e o pluralismo. Os políticos e partidos de políticos da direita radical têm em comum é uma ideologia central que combina nativismo, autoritarismo e populismo.

Alguns líderes políticos e partidos da direita radical espalhados pelo mundo utilizaram dessa tática e estratégia da desinformação e ataques aos adversários, como: Donald Trump nas eleições de 2016 nos Estado Unidos (WOOLLEY; GUILBEAULT, 2019); primeiro-ministro Viktor Orbán na Hungria de 2010 até os dias atuais (ÁGH, 2016); (PIRRO, 2015); Rodrigo Duterte nas Filipinas de 2016 até os dias atuais (CURATO, 2017); o primeiro-ministro Mateusz Morawieck na Polônia em 2017 (GORWA, 2019); Matteo Salvini na Itália em 2018 e 2019, líder do partido Liga Norte e aliado do partido Movimento 5 Estrelas de Davide

---

[21] We found evidence of organised social media manipulation campaigns in 70 countries, up from 48 countries in 2018 and 28 countries in 2017. Some of this growth comes from new entrants who are experimenting with the tools and techniques of computational propaganda during elections or as a new tool of information control. However, journalists, academics, and activists are also better equipped with digital tools and a more precise vocabulary to identify, report, and uncover instances of formally organized social media manipulation.

Casaleggio (EMPOLI, 2019); Recep Tayyip Erdoğan na Turquia de 2014 até os dias atuais; Jair Bolsonaro no Brasil em 2016 até os dias atuais (ARNAUDO, 2019).

The Silent Revolution

Para começar a escrever sobre a *Cultural Backlash Theory*, deve-se descrever a importância da *Silent Revolution* para concepção dela. *The Silent Revolution* é um livro de Ronald Inglehart que trata de pesquisar as mudanças valorativas ocorridas nos indivíduos durante períodos de desenvolvimento e recessão econômica. Essas mudanças culturais produziram efeitos positivos quando correlacionadas com regimes democráticos e expansão comercial. Porém, em contrapartida mesmo com essa ampliação de direitos, houve alguns grupos questionando as representações liberais democrática com a justificativa de crises nos valores tradicionais.

Ainda sobre a *Silent Revolution*, após os indivíduos terem suas necessidades materiais saciadas e sua segurança garantida, eles passaram a ter mais preocupação com à sua autoexpressão e uma participação mais ativa e presente nas questões públicas. O autor sugeriu duas hipóteses:

> 1. A prosperidade sem precedentes experimentada pelas nações ocidentais durante as décadas após a Segunda Guerra Mundial. A estagnação econômica recente não parece ter desfeito os efeitos dos vinte anos de gordura de 1950 a 1970.
> 2. A ausência de guerra total. O simples fato de que nenhuma nação ocidental foi invadida por trinta anos pode ter consequências extremamente significativas. (INGLEHART, 1977, p. 21-22, tradução nossa)[22]

Em síntese, as duas hipóteses têm dado as pessoas maior segurança para comer, para morar e para viver bem economicamente e fisicamente. Só assim, o indivíduo inicia outras buscas, como a intelectual e estética.

A hipótese dois traz um ponto importante, os indivíduos que viveram um período como o Segunda Guerra Mundial, possuem valores bem diferentes daqueles que nasceram nos trinta anos no pós-guerra. O grupo mais jovem não tem tanta preocupação com dinheiro e com emprego como o grupo mais velho. “Mais especificamente, aqueles que estavam economicamente seguros durante seus anos de formação serão mais propensos a ter

[22] “1. The unprecedented prosperity experienced by Western nations during the decades following World War II. Recent economic stagnation does not seem to have undone the effects of the twenty fat years from 1950 to 1970. 2. The absence of total war. The simple fact that no Western nation has been invaded for thirty years may have extremely significant consequences.”

prioridades de valor pós-materialistas" (INGLEHART, 1977, p. 72, tradução nossa)[23]. Logo, tais valores têm influência forte do momento que o país viveu. Inglehart acredita que os jovens, pela análise cohort, são menos materialistas que os velhos.

Os estudos de Inglehart convergem para um campo empírico do comportamento eleitoral, para demostrar até que ponto as mudanças nas normas e padrões de vida afetam uma escolha de um candidato e uma identificação com determinado partido político. No qual "os valores materialistas refletem um apego relativamente forte à manutenção da ordem e preservação dos ganhos econômicos. Os valores pós-materialistas enfatizam a autoexpressão individual e a conquista de uma sociedade mais participativa e menos hierárquica" (INGLEHART, 1977, p. 179, tradução nossa)[24].

Cabe enfatizar que a teoria de Inglehart deu origem a um índice materialismo/pós-materialismo, a pergunta era qual dos itens era mais importante para o indivíduo em relação ao seu país nos próximos dez anos. Inicialmente, tinha-se quatro itens: 1) Manter uma alta taxa de crescimento econômico; 2) Certificar-se de que este país possui fortes forças de defesa; 3) Vendo que as pessoas têm mais voz sobre como as coisas são decididas no trabalho e em suas comunidades; 4) Tentando tornar nossas cidades e campos mais bonitos. No outro cartão tinha mais quatro opções que deviam ser selecionadas como prioridades: 5) manter a ordem no país; 6) Dar ao povo mais voz nas decisões importantes do governo; 7) combater o aumento de preços; 8) proteger a liberdade de expressão. O questionário possuía uma segunda escolha: 9) Manter uma economia estável; 10) Progresso em direção a uma sociedade menos impessoal e mais humana; 11) A luta contra o crime; 12) Progresso em direção a uma sociedade onde as ideias são mais importantes do que o dinheiro. (INGLEHART, 1977, p. 40-41).

O objetivo da pesquisa era ressaltar questões fisiológicas e materialistas – fatores de segurança, sustento, sobrevivência - em seis questões e as outras seis questões tratavam de fatores pós-materialistas. Inglehart testou essas hipóteses em dez países e encontrou um padrão dividindo cinco itens em pontos positivos, um item no ponto médio, seis itens em pontos negativos. A escala criada segue uma hierarquia sendo:

---

[23] "More specifically, those who were economically secure during their formative years will be likelier to have Post-Materialist value priorities."

[24] Materialist values reflect a relatively strong attachment to maintaining order and preserving economic gains. Post-Materialist values emphasize individual self-expression and achieving a more participant, less hierarchical society.

> As necessidades de sustento e segurança têm maior probabilidade de receber prioridade máxima, enquanto as necessidades de pertencimento e autoatualização recebem menos ênfase. Mas as circunstâncias situacionais afetam essas frequências: o item sobre "Forças de defesa fortes" fornece uma ilustração clara desse fato. Como indicador de "Segurança", pode-se, a priori, esperar que ocupe o quarto, quinto ou sexto lugar entre um público totalmente materialista. (INGLEHART, 1977, p. 51, tradução nossa)[25].

Foi assim que construíram um índice variando de 0 – muito materialista – a 5 – muito pós-materialista – tanto para o indicador mais antigo com quatro itens e o mais novo com doze itens. O segundo dá maior precisão empírica, mas ambos trabalham com questões a longo prazo tidas como prioridades máximas.

The Cultural Backlash Theory

Os chamados valores pós-materialistas, de acordo com as pesquisas de Inglehart (1977); Inglehart e Norris (2003, 2019); Inglehart e Welzel (2005), foram verificados a partir da década de 70. Essas transformações culturais deram maior destaque para pautas de minorias como a proteção ambiental, o debate LGBTQI+, os direitos humanos, as questões raciais. A política também passou por modificações no plano dos partidos políticos, sistemas eleitorais e das manifestações ideológicas e campanhas que trocaram as ruas pela a internet.

Na *Cultural Backlash Theory*, os autores acreditam que os valores pós-materialistas e liberais superaram as crenças nos valores materialistas e conservadores. Pela tese da *Silent Revolution*, a segurança econômica e física foi fundamental nessa passagem materialista para pós-materialista, dando lugar para uma postura mais individual e liberal na sociedade. A tolerância perante a diversidade é mais comum entre os jovens entrevistados. Temas como casamento entre pessoas do mesmo sexo, a igualdade de direitos entre homens e mulheres saíram da teoria e começaram a ser discutidos nas universidades, entre pessoas de forma natural.

O acesso à escola e ao ensino superior exerceu forte influência no entendimento e adesão dos valores pós-materialistas pelos sujeitos (INGLEHART; NORRIS, 2019). O contato com as tecnologias permitiu uma expansão da informação com maior velocidade, interação a grandes distâncias e compartilhamento de conhecimento e saberes até então restritos a uma nação. As sociedades tornaram-se multiculturais com a globalização, principalmente as cidades com maior segurança econômica.

---

[25] The sustenance and safety needs are most likely to be given top priority, while needs for belonging and selfactualization are given least emphasis. But situational circumstances affect these frequencies: the item concerning "Strong defense forces" provides a clear illustration of this fact. As a "Safety" indicator, one might, a priori, expect it to rank in fourth, fifth, or sixth place among a totally Materialist public.

Mesmo com todo avanço social liberal, o poder de compra, o equilíbrio entre os gêneros, a abertura ao diferente, existia uma resistência por parte de um grupo conservador que valoriza a continuidade cultural, a continuidade dos hábitos e a preservação da ordem social. Ocorreram eventos que reforçaram a posição de valores materialistas e conservadores: a recessão, o alto número de imigrantes em países da Europa, o aumento de atos terroristas nos EUA e na Europa (INGLEHART; NORRIS, 2019, p. 42).

Desta forma, alguns governantes passaram a explorar a insegurança nos eleitores, provocando seus medos internos e externos: de perder emprego, de ser assaltado, de ser morto nas ruas, de não conseguir criar os filhos em um ambiente favorável.

> [...] um fator importante é uma reação autoritária entre os conservadores sociais, que percebem que alguns de seus valores fundamentais mais acalentados estão sendo corroídos. Além disso, um ponto de inflexão pode ocorrer no equilíbrio entre aqueles que sustentam valores socialmente liberais e socialmente conservadores, produzindo uma reação entre o grupo outrora dominante. Do lado da oferta do mercado, os apelos à liderança e as dicas da mídia podem ativar atitudes autoritárias latentes entre os conservadores sociais no eleitorado. Finalmente, a forma como as clivagens de valor no eleitorado é traduzida em votos é condicionada por diferentes taxas de participação eleitoral - como o fato de que as coortes mais jovens, cujas atitudes são mais socialmente liberais, têm menos probabilidade de participar do que as gerações socialmente conservadoras mais velhas. (INGLEHART; NORRIS, 2019, p. 43, tradução nossa)[26].

O crescimento das políticas pós-materialistas incomodou uma parte do eleitorado. A reação desses que perceberam a perda de uma hegemonia cultural não foi das melhores. Eles precisavam de um governo que defendesse sua causa com uma agenda mais conservadora de direita.

O conceito de "ponto de inflexão" é utilizado pelos autores para explicar o momento que o grupo mais conservador que possuía um certo controle da opinião pública e até um número maior de adeptos, agora são considerados a minoria, atinge um ponto crítico em relação ao grupo mais liberal que no momento tem mais influência sobre as pessoas e por ser a maioria no ambiente social, dando maior voz aos oprimidos e rompendo com dogmas convencionais. O ponto crítico é quando os conservadores não suportam a pressão cultural e quantitativa dos liberais (INGLEHART; NORRIS, 2019, p. 45).

---

[26] […] one major factor is an authoritarian reaction among social conservatives who perceive that some of their most cherished core values are being eroded. Moreover, a tipping point can occur in the balance between those holding socially liberal and socially conservative values, producing a backlash among the once- dominant group. On the supply- side of the market, leadership appeals and media cues can activate latent authoritarian attitudes among social conservatives in the electorate. Finally, the way that value cleavages in the electorate are translated into votes is conditioned by different rates of electoral turnout – such as the fact that the younger cohorts, whose attitudes are more socially liberal, are less likely to participate than older socially conservative generations.

A *Cultural Backlash Theory* consiste em ligações do conservadorismo social – contra o divórcio e aborto – e os valores autoritários. No qual os indivíduos com valores materialistas se sentiram ameaçados por todos os lados.

> Sentimentos latentes de ressentimento e intolerância podem ser galvanizados em expressão política por não conformidade com a moral e os valores do grupo. As reações conservadoras podem se manifestar como uma força nativista violenta dirigida contra o outro, alimentada pelo ressentimento contra a globalização, os migrantes, o fechamento de fábricas e unidades, a indefinição dos gêneros e a intrusão de diferentes linguagens. Os tradicionalistas também podem rejeitar visões "politicamente corretas" sobre os benefícios dos mercados globais, feminismo, estilos de vida diversos e multiculturalismo favorecidos pela elite liberal cosmopolita urbana que domina a mídia, a vida intelectual e os representantes parlamentares. (INGLEHART; NORRIS, 2019, p. 47, tradução nossa)[27]

Os conservadores sociais, principalmente dos países com alto desenvolvimento industrial, não acompanharam as mudanças nos valores tradicionais, nas misturas étnicas, nas variações do estilo de vida do país no qual eles nasceram, e já não mais reconheciam a sua identidade, sua fé, sua família.

Alguns políticos perceberam a revolta do grupo conservador e que eles queriam achar um culpado de toda transformação cultural que acontecia sem direção. Eles precisavam manifestar seu ódio e de um líder que cumprisse o papel de orientador político, social e até religioso. A reação cultural aos valores pós-materialista era intolerante e em certos países ela serviria de palco para partidos de extrema direita e da direita radical[28] conquistarem cadeiras no parlamento. O sistema eleitoral adotado no país também pode ser favorável ou não para ascensão de tais partidos, podendo assim dar voz a essa reação cultural.

De acordo com determinados autores (DUVERGER, 1970; SARTORI, 1976), o Sistema Proporcional de Representação e o Modelo Distrital Misto são aqueles que dão mais chance de partidos menores e ideológicos terem mais espaço no parlamento, em alguns casos - como foi no EUA, Hungria, Reino Unido e França – foram eleitos chefes do Poder Executivo.

> Nas eleições presidenciais de 2016 nos Estados Unidos, por exemplo, o uso de disputas primárias na fase de nomeação permitiu a Donald Trump montar uma aquisição hostil do Partido Republicano. Ele então ganhou a Casa Branca por causa

---

[27] Latent feelings of resentment and intolerance may be galvanized into political expression by non- conformity with group morals and values. Conservative reactions can manifest themselves as a violent, nativist force directed against the other, fueled by resentment against globalization, migrants, the closure of factories and plants, the blurring of genders, and the intrusion of different languages. Traditionalists may also reject 'politically correct' views on the benefits of global markets, feminism, diverse lifestyles, and multiculturalism favored by the urban, cosmopolitan liberal elite dominating the media, intellectual life, and parliamentary representatives.

[28] Ver mais detalhes a respeito das definições de extrema direita, direita radical e seus subgrupos em: MUDDE, Cas. Populist radical right parties in Europe. New York: Cambridge University Press, 2007.

> do desenho do colégio eleitoral, apesar de perder o voto popular em todo o país. Da mesma forma, no Reino Unido, o campo de licença venceu o Brexit com 52 por cento dos votos porque as regras exigiam apenas uma maioria simples, não uma supermaioria, para a aprovação dos referendos constitucionais. Mas as regras podem mudar - geralmente lentamente, por meio de reformas graduais, de modo que não explicam totalmente o momento das flutuações no apoio aos partidos autoritário-populistas. (INGLEHART; NORRIS, 2019, p. 53, tradução nossa)[29]

As regras eleitorais de ambos países permitiram a ala conservadora, apesar de ser minoria, colocar mediante a campanhas via redes sociais apelativas e um ativismo por canais alternativos, a cultura como principal pauta dos debates. Com um investimento menor em propagandas e um alcance maior, os conservadores atingiram pessoas indecisas e conectaram mais simpatizantes para a sua causa.

Considerações finais

O controle do fluxo de informações e desinformações garante a mobilização negativa das emoções das pessoas. Mesmo as indústrias midiáticas, no caso as cibernéticas, não tendo controle da interpretação da notícia, elas trabalham com algoritmos inteligentes que viabilizam uma leitura da psique dos homens. Por conseguinte, existe muito investimento atualmente na produção da desinformação, é a maneira de provocar a cisão entre o "povo puro" e a "elite corrupta", entre "direita" e "esquerda" e buscar um "novo populismo" de direita. Com valores autoritários – medidos pela importância da segurança pessoal, da ordem e da tradição - e conservadores – medidos pela preocupação de questões morais como aborto - e sua ligação com as teses: *Silent Revolution* (1977) e a *Cultural Backlash Theory* (2019). Um governo com características de uma direita radical populista. A insegurança dos eleitores tem encorajando um reflexo autoritário e um maior conservadorismo social, no qual as pessoas se alinham atrás de líderes fortes, em conformidade rígida com as normas do grupo, um resgate de uma concepção de religião e tradição e a rejeição da diversidade e do pluralismo. Além da negação de uma ideia de autonomia individual relacionadas a ciência, à cultura e à política

Dessa maneira, é necessário estudar como as plataformas digitais tem ajudado na tomada do poder pelo novo populismo de direita, além de ameaçar a democracia em alguns países, quando ataca os poderes judiciário e quando delimita quem são os "inimigos" do povo,

---

[29] In the 2016 US presidential elections, for example, the use of primary contests in the nomination stage allowed Donald Trump to mount a hostile takeover of the Republican Party. He then won the White House because of the design of the electoral college, despite losing the nation- wide popular vote. Similarly, in the UK, the Leave camp won Brexit with 52 percent of the vote because the rules required only a simple majority, not a super-majority, for passage of constitutional referenda. But rules can change – usually slowly, through piecemeal reforms, so they don't fully explain the timing of fluctuations in support for Authoritarian-Populist parties.

indo contra a pluralidade, em um diálogo com regimes autoritários. Um perigo contra as instituições que mantém a ordem social e que correm o risco de estarem nas mãos dos governos populistas. Com um discurso reacionário, em um combate em defesa dos valores morais. Cabe aos partidos mais tradicionais, a população e as instituições judiciárias e legislativas defenderem os valores democráticos liberais e estarem atentos com narrativas autoritárias.

Referências

ÁGH, Attila. Decline of democracy in east-central europe: the last decade as the lost decade in the ece democratization. **Journal of Comparative Politics**, v. 7, n. 2, p. 4-33, 2016.

ARNAUDO, D. Brazil: Political Bot Intervention During Pivotal Events. *In*: WOOLLEY, S.; HOWARD, P. N. **Computational Propaganda**: Political Parties, Politicians, and Political Manipulation on Social Media. Nova York: Oxford University Press, 2019.

BOLSOVER, G.; HOWARD, P. Computational Propaganda and Political Big Data: Moving Toward a More Critical Research Agenda. **Big Data**, v. 5, n. 4, p. 273– 276, 2017. Retrieved from https:// doi.org/ 10.1089/ big.2017.29024.cpr. Acesso em: 25 abr. 2021.

BRADSHAW, S.; HOWARD, P. N. **The Global Disinformation Order 2019 Global Inventory of Organised Social Media Manipulation**. Oxford: Project on Computational Propaganda, 2019. Disponível em: https:// comprop.oii.ox.ac.uk/research/cybertroops2019/. Acesso em: 20 abr. 2021.

BUNING, M. D. C. *et al*. **A multi-dimensional approach to disinformation**. Report of the independent High Level Group on Fake News and Online Disinformation. European Commission, 2018. Disponível em: https://ec.europa.eu/ digital-single-market/en/news/final-report-high-level-expert-group - fake-news-and-online-disinformation. Acesso em: 22 abr. 2021.

CADWALLADR, C. Robert Mercer: The Big Data Billionaire Waging War on Mainstream Media. **The Guardian**, 26 fev. 2017a. Disponível em: https:// www.theguardian.com/ politics/2017/ feb/ 26/ robert- mercer- breitbart- war- on- media- steve- bannon- donald- trump- nigel-farage. Acesso em: 3 mai. 2021.

CADWALLADR, C. The great British Brexit Robbery: How Our Democracy Was Hijacked. **The Guardian**, 7 mai. 2017b. Disponível em: https:// www.theguardian.com/ technology/ 2017/may/ 07/ the- great- british- brexit- robbery- hijacked- democracy?CMP=share_ btn_ tw. Acesso em: 3 mai. 2021.

COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulises A. **The costs of connection**: how data is colonizing human life and appropriating it for capitalism. Stanford: Stanford University Press, 2019.

CRAFT, S.; ASHLEY, S.; MAKSL, A. News media literacy and conspiracy theory endorsement. **Communication and the Public**, v. 2, n. 1, 2017. https://doi.org/10.1177/2057047317725539. Acesso em: 4 mai. 2021.

CURATO, N. Flirting with Authoritarian Fantasies? Rodrigo Duterte and the New Terms of Philippine Populism. **Journal of Contemporary Asia**, v. 47, n. 1, p. 142-153, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.1080/00472336.2016.1239751. Acesso em: 24 abr. 2021.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs** - capitalismo e esquizofrenia, vol. 5. Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DUVERGER, Maurice. **Os partidos políticos**. Tradução Cristiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

ENISA. **Study on monetising privacy**: an economic model for pricing personal information. Berlin, 2012. Disponível em: http://www.enisa.europa.eu/activities/identity-and-trust/library/deliverables/monetising-privacy. Acesso em: 6 mai. 2021.

EMPOLI, Giuliano Da. **Os engenheiros do caos**: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições. Tradução Arnaldo Bloch. São Paulo: Vestígio, 2019.

GANDY, O. H. **The Panoptic Sort**: A Political Economy of Personal Information. Boulder: Westview, 1993.

GILLESPIE, T. The politics of "platforms". **New Media & Society**, v. 12, p. 347-364, 2010. Disponível em: doi:10.1177/1461444809342738. Acesso em: 7 mai. 2021.

GORWA, Robert. What is platform governance? **Information Communication and Society**, v. 22, n. 2, p. 1-18, 2019. Disponível em: DOI:10.1080/1369118X.2019.1573914. Acesso em: 25 mai. 2021.

HANSEN, F. S. The weaponization of information. **DIIS**, 14 dez. 2017. https://www.diis .dk / en/research/the-weaponization-of-information. Acesso em: 3 mai. 2021.

HELMOND, A. The Platformization of the Web: Making Web Data Platform Ready. **Social Media + Society**, 2015. Disponível em: doi:10.1177/2056305115603080. Acesso em: 26 mai. 2021.

HOWARD, P. N.; KOLLANYI, B. Bots, #StrongerIn, and #Brexit: Computational Propaganda during the UK- EU Referendum. **SSRN**, 2016. Disponível em: https://ssrn.com/abstract=2798311. Acesso em: 8 mai. 2021.

HUMPRECHT, E.; ESSER, F.; VAN AELST, P. Resilience to Online Disinformation: A Framework for Cross-National Comparative Research. **The International Journal of Press/Politics**, 2020; v. 25, n. 3, p. 493-516. Disponível em: doi:10.1177/1940161219900126. Acesso em: 6 mai. 2021.

INGLEHART, Ronald. **The silent revolution**: Changing Values and Political Styles Among Western Publics. Princeton: Princeton University Press, 1977.

INGLEHART, Ronald; NORRIS, Pippa. **Rising tide**: gender equality and cultural change around the world. New York: Cambridge University Press, 2003.

INGLEHART, Ronald; NORRIS, Pippa. **Cultural backlash**: Trump, Brexit, and the rise of authoritarian-populism. New York: Cambridge University Press, 2019.

INGLEHART, Ronald; WELZEL, Christian. **Modernization, cultural change, and democracy**: the human development sequence. New York: Cambridge University Press, 2005.

KOLLANYI, B.; HOWARD, P. N.; WOOLLEY, S. C. **Bots and Automation over Twitter during the U.S. Election (Data Memo)**. Oxford: Project on Computational Propaganda, 2016. Disponível em: http:// comprop.oii.ox.ac.uk/ 2016/ 11/ 17/ bots- and- automation- over- twitter- during- the-u- s- election/. Acesso em: 24 mai. 2021.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34. 1999.

MAYER-SCHÖNBERGER, Viktor; CUKIER, Kenneth. **Big Data**: A Revolution That Will Transform How We Live, Work and Think. Canada: Eamon Dolan/Houghton Mifflin Harcourt, 2013.

MILLER, Michael L.; VACCARI, Cristian. Digital Threats to Democracy: Comparative Lessons and Possible Remedies. **The International Journal of Press/Politics**, v. 25, n. 3, p. 333–356, 2020.

MOROZOV, Evgene. ***Big Tech***: a ascensão dos dados e a morte da política. Tradução Claudio Marcondes. São Paulo; Ubu, 2018.

MUDDE, Cas. **Populist radical right parties in Europe**. New York: Cambridge University Press, 2007.

RALEY, R. Dataveillance and counterveillance. *In*: GITELMAN, L. (ed.). **Raw Data is an oxymoron**. Massachusetts: MIT Press, 2013.

PIRRO, Andrea. **The Populist Radical Right in Central and Eastern Europe**: Ideology, Impact, and Electoral Performance. London: Routledge, 2017.

SARTORI, Giovanni. **Partidos e sistemas partidários**. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar; Brasília: Universidade de Brasília, 1982.

SCHMITT-BECK, R. Bandwagon effect. *In*: DONSBACH, W. (ed.). **The international encyclopedia of communication**. Oxford: Wiley-Blackwel, 2008. v. 2, p. 308–310.

VAN DIJCK, José. 2014. Datafication, dataism and dataveillance: Big Data between scientific paradigmand ideology. **Surveillance & Society**, v. 12, n. 2, p. 197-208, 2014.

WAGNER, C.; MITTER, S.; KÖRNER, C.; STROHMAIER, M. 2012. When social bots attack: Modeling susceptibility of users in online social networks. **Proceedings of the WWW '12 Workshop on 'Making sense of microposts**, p. 41–48, 2012. Disponível em: http://ceur-ws.org/Vol-838/#MSM2012. Acesso em: 24 mai. 2021.

WODAK, Ruth. **The Politics of Fear**. What Right-Wing Populist Discourses Mean. Los Angeles: Sage, 2015.

WOOLLEY, S. C. Automating Power: Social Bot Interference in Global Politics. **First Monday**, v. 21, n. 4, 2016. Disponível em: http:// firstmonday.org/ ojs/ index.php/ fm/ article/ view/ 6161. Acesso em: 20 mai. 2021.

WOOLLEY, S. C.; HOWARD, P. N. Political Communication, Computational Propaganda, and Autonomous Agents. **International Journal of Communication**, v. 10, p. 4882–4890, 2016.